

O Cancioneiro da CTm5: uma “Ode” para o moral e bem-estar dos militares da Unidade

1. Introdução

Os poemas do Cancioneiro da Companhia de Transmissões (CTm5) cinco foram escritos, na sua maioria pelo então 1º Sargento José Morgado, e representam um inestimável testemunho do elevado espírito de corpo e de missão, da camaradagem e da amizade entre os militares da companhia ao serviço da UNAVEM III (*United Nations Angola Verification Mission* / Missão de Verificação das Nações Unidas em Angola), entre 1995 e 1997, e, posteriormente, na MONUA (Missão de Observação das Nações Unidas em Angola), entre 1997 e 1999.

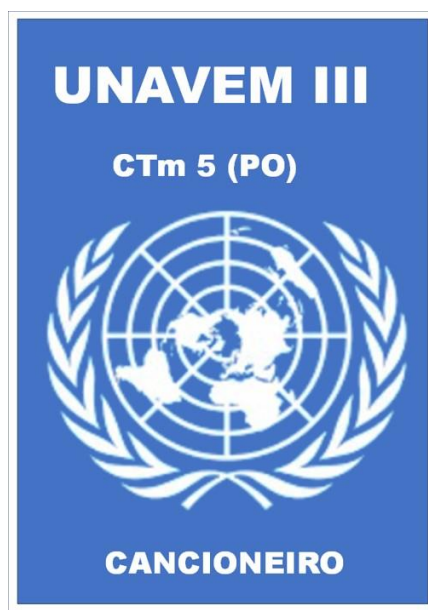
Este cancioneiro materializa o legado patrimonial e cultural da CTm5, mas também as emoções, as tristezas e alegrias vivenciadas pelos militares da companhia; as canções ajudavam-nos a lidar com as agruras e exigências da missão, mas também com as saudades dos entes queridos que deixámos em Portugal.

A música foi muito importante para o moral e bem-estar destes militares, especialmente nos primeiros tempos na área de missão, contribuindo para aumentar a sua resiliência e reforçar a sua autoestima.

O Hino da Companhia – Tambores – era, normalmente, cantado e tocado em festas ou quando se recebiam amigos e a sua letra rapidamente entrava nos ouvidos de todos.

Hoje, o Cancioneiro da CTm5 permanece um ícone do património imaterial da companhia, relembrando a todos quantos participaram na UNAVEM III e na MONUA a história dessas missões, bem como os laços de amizade e camaradagem entretanto consolidados e que se perpetuam até à atualidade.

Seguidamente, apresentam-se as várias canções deste Cancioneiro da CTm5 e algumas do Cancioneiro do BTm4, também entoadas no calor das noites angolanas pelos nossos militares.



2. Cancioneiro da CTm5 – UNAVEM III e MONUA, em Angola

- a. Quando soube que iria integrar esta missão, o 1º Sargento Morgado compôs esta letra, cujo tema alude aos símbolos da CTm5 (Tambores) e que foi adotado como o Hino da Unidade,



Brasão de Armas da CTm5

Os tambores são a mais antiga forma de comunicação que foi usada em África, sendo por isso incluídos no Brasão de Armas da CTm5; uma Companhia de Transmissões disponibilizada por Portugal às Nações Unidas para integrar a UNAVEM III, em Angola, e garantir as suas comunicações na área de missão.

No primeiro verso alude-se ao envio das tropas portuguesas novamente para África (a primeira missão, ONUMOZ foi em Moçambique), agora para Poente, nomeadamente para Angola.

O segundo verso alude ao sofrimento do povo angolano, martirizado por vinte anos de guerra no pós-descolonização, mas também à missão da UNAVEM III para a obtenção da paz e reconciliação nacional.

O terceiro verso é uma *mea culpa* pelos anos da guerra colonial, mas agora queremos contribuir para a paz.

TAMBORES

(Hino da CTm5)

Refrão

*TOCAM TAMBORES NO PEITO DESTA GENTE
SÃO SIM SENHOR UMA TROPA BEM DIFERENTE
QUINTA COMPANHIA DE TRANSMISSÕES VALENTE
TOCAM TAMBORES NO PEITO DESTA GENTE!*

Oh vento d'África quente
Que mais uma vez nos chamas
Leva-nos para poente,
E trás manhãs mais calmas
EM ANGOLA, EM ANGOLA!

Oh Gente irmã e amiga
Ouve estas palavras sentidas:
O passado é coisa antiga
História triste das nossas vidas
EM ANGOLA, EM ANGOLA!

Oh terra vermelha ferida
Deixa-nos aplacar tua dor;
Semear esta paz renascida
E que das cinzas nasça uma flor!
EM ANGOLA, EM ANGOLA!

Letra e Música: 1º Sargento José Morgado

Data: Abrantes, 15 de maio de 1995

- b. Em Santa Margarida o autor compôs o “Tempo de Esperança”, antevendo uma nova missão que estava prestes começar e que se segue à Operação ONUMAZ (1993-1994), em Moçambique, na qual o 1º Sargento Morgado também havia participado.

A maioria dos militares indigitados para a UNAVEM III, em Angola, já tinham participado na ONUMAZ, mas outros participavam pela primeira vez numa missão das Nações Unidas (rostos novos, outros antigos).

Este “Tempo de Esperança” diz-nos que está na hora de partirmos para a área de missão e durante a viagem é tempo de esquecer quem deixamos em Portugal, mas quando a tristeza nos consumir, já em Angola, apesar da dor devemos sorrir porque ao nosso lado estará outro “boina azul” para nos confortar. ~E, por isso, um tempo de esperança para os militares da CTm5 que vão integrar uma missão de paz, mas também para os angolanos que ansiosamente mantêm a esperança de alcançar essa paz duradoura.

TEMPO DE ESPERANÇA

Outra missão vai começar
Rostos novos, outros antigos
Mas o azul é sempre o mesmo a brilhar!
É TEMPO DE PARTIR AMIGOS
É TEMPO DE ESPERANÇA AMIGOS!
É TEMPO DE PARTIR...

E quando a lonjura te abalar
E a tristeza te consumir
Estará alguém de boina azul ao teu lado! (e então)
É TEMPO DE SORRIR AMIGO
É TEMPO DE ESPERANÇA AMIGO!
É TEMPO DE SORRIR...

E quando estiveres no ar
Pensando no outro lado
Olha na janela, o céu é azul a brilhar!
É TEMPO DE ESQUECER AMIGO
É TEMPO DE ESPERANÇA AMIGO!
É TEMPO DE ESQUECER ...

Letra e Música: 1º Sargento José Morgado

Data: Santa Margarida, 11 de maio de 1995

- c. Ainda em Portugal o 1º Sargento Morgado compôs esta canção - Fado Azul – que retrata a abnegação, o espírito de missão e a entrega total aos desígnios da Nação, independentemente da geografia, mesmo com o sacrifício da própria vida. Por isso, os militares nem sempre são compreendidos, quer pela família próxima quer pelos seus concidadãos (civis).

FADO AZUL

Refrão

*É SEMPRE O MESMO FADO
ESTA VIDA DE MILITAR
DISPONÍVEL PARA QUALQUER LADO
É O NOSSO MODO DE AQUI ESTAR*

Acreditem esposas e mães	E se a morte nos apanhar
E que entendam também os civis.	Na lonjura da missão:
São os nossos valores, ideais	São azares de militar
Contra as mentiras mais vis.	Homem digno desta Nação!

Não precisam compreender
Nossos motivos ou intenções.
Nós só queremos defender
Nossa essência, convicções

Letra e Música: 1º Sargento José Morgado
Data: Santa Margarida, 24 de maio de 1995

- d. A projeção da CTm5 para Angola decorreu em três fases: a 12 de maio de 1995 um destacamento precursor, constituída por 10 militares entre os quais o Cmdt de Companhia, embarcam por via aérea para Angola (1ª fase); a 13 de maio o material da CTm5 seguiu para Angola a bordo de um navio fretado pela ONU, o “DRAGASAN” com pavilhão romeno, acompanhado por 4 militares, tendo chegado ao porto de Luanda a 28 do mesmo mês (2ª fase); o 2º escalão constituído por 87 militares, sob o comando do seu 2º Comandante da CTm5 embarcou por via aérea para Angola em 26 de maio e entrou no Teatro nesse mesmo dia (3ª fase).

Esta canção diz respeito aos militares da terceira fase da referida projeção que embarcaram em camuflado no Aeroporto Internacional da Portela, em Lisboa, no voo 201 em direção ao Aeroporto Internacional 4 Fevereiro em Luanda.

O VOO 201

Refrão

*O VOO 201 NÃO ERA UM VOO NORMAL
TRAZIA CÁ CADA UM
ERA GENTE MUITO ESPECIAL
O VOO 201 NÃO ERA UM VOO NORMAL
TRAZIA CÁ CADA UM
ERA GENTE DE PORTUGAL*

Trajando verde mesclado	No quente da briza que faz
num azul que fica bem,	em Angola enfim desceram.
os homens do camuflado	Abriu-se a porta e saíram
partindo para a UNAVEM.	mais uns soldados da Paz!

Letra: Da Malta
Música: 1º Sargento José Morgado
Data: Viana, 26 de maio de 1995

- e. Após aterrarem no Aeroporto Internacional 4 Fevereiro em Luanda, os militares da CTm5 foram instalados provisoriamente, até 30 de maio, no Campo de Passagem da UNAVEM III em Viana, a cerca de 20 Km de Luanda.

As condições do Campo eram paupérrimas, onde faltava quase tudo; a água, a cerveja (a lourinha!), etc. Convém fazer uma correção à letra desta canção: em maio não era Inverno em Angola, mas sim Outono (20 de março a 21 de junho).

A referência à vida de playboy diz respeito aos militares que estiveram na ONUMOZ/Moçambique, especialmente aqueles que viviam em Maputo, mas neste Campo ninguém estava autorizado a sair, nem o Ruca (um graduado da unidade).

A noite era também um suplício para todos, uns fartavam-se de ressonar, outros trauteavam umas canções para passar o tempo e até os mosquitos aproveitavam o “sangue novo” para “mordiscar”.



1º Sargento Morgado cantando na CTm5, acompanhado pelo Sargento-chefe Rita Mendes, 2º Sargento Cruz (direita) e pelo Sargento-ajudante Biscaia (esquerda)

VIANA PARA O INFERNO

De que vale a boina azul
e o lenço ao pescoço,
se não há cerveja
para beber ao almoço.
E a água falta,
o bedum é mato.
O que vale é esta malta
ter raça de facto!

*QUERO QUE A LOURINHA
ME REFRESQUE NESTE INVERNO
E MANDAR VIANA PARA O INFERNO*

De que vale a minha vida
outrora de playboy,
se não saio lá para fora
e até o Ruca não foi.
Só tenho você
no meu pensamento.
E a sua ausência
é todo o meu tormento...

*QUERO QUE A LOURINHA
ME REFRESQUE NESTE INVERNO
E MANDAR VIANA PARA O INFERNO*

À noite não sei
para onde me virar.
Não suporto mais
ouvir tanto ressonar.
Mosquitos atraentes
procurando repelentes,
cantores barulhentos
desafiam turbo-lentos.

*QUERO QUE A LOURINHA
ME REFRESQUE NESTE INVERNO
E MANDAR VIANA PARA O INFERNO*

Letra: Da Malta
Música: Roberto Carlos
Data: Viana, 26 de maio de 1995

- f. As Nações Unidas fretaram um navio com pavilhão romeno – DRAGAZANI - para transportar o material e equipamento da CTm5 de Lisboa para Luanda, tendo esta carga sido acompanhada por quatro militares da unidade; um deles o 1º Sargento Morgado. Esta canção narra as peripécias desta atribulada viagem.



Navio DRAGAZANI fretado pelas Nações Unidas para transportar o material da CTm5

O DRAGAZANI além de ser um navio velho e sem condições, especialmente a higiénico-sanitárias [velho e imundo], mas o preço cobrado às Nações Unidas talvez fosse mais vantajoso.

Depois de carregarem o material da CTm5 e já ao largo, no Tejo, os marinheiros fizeram greve por falta de pagamento dos vencimentos. Após desbloqueada esta situação lá partiram, mas em alto mar o navio teve algumas avarias que o obrigaram a parar. Por isso, o Couto (Sargento-Chefe da CTm5) que mantinha a

ligação com os militares no DRAGAZANI andava muito preocupado [Couto desatinado].

Finalmente, chegaram ao porto de Luanda, mas também aí houve contratempos com os estivadores; depois de descarregarem um conjunto de viaturas, atrelados e contentores que marchou para o futuro aquartelamento da CTm5, em Belas (Luanda), quando o 2º comandante regressou ao porto para coordenar o envio do segundo conjunto de viaturas e atrelados verificou que a descarga decorria a “conta gotas”. Para se conseguir descarregar tudo ainda nesse dia, evitando furtos ou outros constrangimentos, foram dados alguns quanzas (moeda angolana) aos estivadores que depois descarregaram todo o equipamento com grande rapidez.

DRAGAZANI

Refrão

*ERA UM BARCO VELHO E IMUNDO
DRAGAZANI SE CHAMAVA
MAS QUE HISTÓRIA DOUTRO MUNDO
DA ROMÉNIA NAVEGAVA*

Portugal o seu destino
Carregar o material
Que não era clandestino
Era muito especial
Foi um grande desatino
Esta situação de fossa
Só faltou fazer o pino
P’ra fazer andar a carroça!

A marinhagem até fez greve
E os motores sempre a parar
E a partida que seria breve
Não parou de se adiar
Quando enfim desatracou
E os adeuses estavam dados
O Sol pouco durou
E na Ponte ficaram parados!

E o Couto desatinado
Não parava de telefonar:
o que se passa desse lado
Vocês estão mas é a brincar!
E até no mar alto
As coisas não melhoraram
Corações em sobressalto
Quando as máquinas pararam...

E já no cais em Luanda
O triste fado continuou
A estiva desta banda
Só a Kwanza trabalhou
E agora vamos a ver
Se o azar está a acabar
Mais quadras não vão caber
Nesta saga de pasmar!

Letra e Música: 1º Sargento José Morgado

Data: Viana, 28 de maio de 1995

- g. Esta canção é uma sátira em que se aplica a Lei de *Murphy*; tudo o que tem potencial para correr mal vai certamente correr mal.

Um acidente banal (uma queda de patins ou na escada) pode transformar-se em algo complexo, tal como deixar a pessoa enterrada ou até morrer. No caso da “Entrevadinha” os incidentes, trágico-cômicos, prolongam-se no tempo, inclusive na morgue, no velório e quando foi sepultado, finalmente para complicar S. Pedro estava de greve.

ENTREVADINHA

*VAIS PARTIR
AS DUAS PERNAS
QUANDO UM DIA CAÍRES DE PATINS.
VAIS FICAR
TODA ENTREVADA
QUANDO UM DIA CAÍRES NA ESCADA.*

Era uma tibia partida, uma fratura,
Exposta com uma ligadura.
Uma cacetada bem-mandada no nariz,
escorregaste e foi por um triz.
Os dentes rachados
e os lábios bem inchados,
e os cornos bem amachucados.

*VAIS PARTIR
QUATRO COSTELAS
ESCORREGASTE A LIMPAR AS JANELAS.
VAIS MORRER
NUMA AMBULÂNCIA
A CULPA DA CASCA DE MELANCIA.*

E já no hospital, quando ias ser operado,
Por azar foste autopsiado.
E dentro da morgue quando estavas no caixão,
entalaram-te ainda a mão.
E já no velório quando estavas rijo e fixo,
Na carola te caiu um crucifixo.

*VAIS DESCER
PARA A TUA COVA
E O COVEIRO DEU-TE UMA SOVA.
COMO A PENA
NÃO FOSSE LEVE
S. PEDRO TINHA DE ESTAR DE GREVE.*

Letra: 1º Sargento Jorge Cortes dos Santos

Data: Viana, 28 de maio de 1995

- h. A construção do aquartelamento foi obra dos militares da unidade, praças e graduados, sendo esta canção - o “Cimento”, alusiva á execução da placa ou laje de betão armado onde foram instalados o bar, o refeitório geral, a cozinha e o futuro ginásio da CTm5.

Esta placa foi executada sem utilização de nenhuma máquina, nem sequer uma betoneira, por isso, o betão foi “grudado” à pelos militares da unidade com muito empenho e suor à mistura.



Construção da laje do refeitório geral e do bar da CTm5

CIMENTO

Quero um saco de cimento p'ra grudar!
QUERO UM SACO DE CIMENTO P'RA GRUDAR!
Este espírito de corpo exemplar!
ESTE ESPÍRITO DE CORPO EXEMPLAR!

Quero carga aos ombros, não me deixem parar!
QUERO CARGA AOS OMBROS, NÃO ME DEIXEM PARAR!

Oiçam esta história que vos vamos contar:
OIÇAM ESTA HISTÓRIA QUE VOS VAMOS CONTAR:
Dos que trabalham e dos que estão a olhar!
DOS QUE TRABALHAM E DOS QUE ESTÃO A OLHAR!

Deem um saco ao homem para ele ajudar!
DEEM UM SACO AO HOMEM PARA ELE AJUDAR!
E mais um escadote p'ro chão ele chegar!
E MAIS UM ESCADOTE P'RO CHÃO ELE CHEGAR!

Letra: Da Malta

Música: 1º Sargento José Morgado

Data: Belas, 30 de maio de 1995

- i. Em 31 de maio iniciou-se a construção do aquartelamento da CTm5 em Belas, Luanda, um terreno



Tendas 16/P onde dormiam os militares da CTm5

terraplanado de terra vermelha, onde o vento levantava o pó e o sol insuportável tornava mais difícil os trabalhos diários.

Começou-se por dispor as tendas 16P alinhadas, com ruas entre elas, e aos poucos construiu-se o novo lar dos militares da CTm5 sem as condições das suas casas em Portugal, mas este era agora o novo lar destes soldados da paz, tal como é referido no refrão desta canção.

Este poema alude à solidão causada pela incerteza de estarem num país estrangeiro e pela ansiedade da missão de iniciar, apoiando a UNAVEM II em comunicações.

AGORA É ESTA CASA

Refrão

*AGORA É ESTA CASA ONDE TENS DE MORAR
ESQUECE A OUTRA O ACONCHEGO DO LAR
ESTA FAMÍLIA QUE ESTÁS A FORMAR
É BEM DIFERENTE DA OUTRA ALÉM-MAR*

Nesta cama só
Cercados de solidão
Os sonhos como pó
Que entranha o coração

Na bruma de areia
Em que às vezes te perdes
Esquece a voz da Sereia
Que te chama para sonos leves

Letra e Música: 1º Sargento José Morgado

Data: Belas, 31 de maio de 1995

- j. A parada e as áreas circundantes, bem como os caminhos de acesso às áreas de serviços, bivaque (tendas de alojamento) de estado-maior e centro de comunicações eram delimitadas por blocos de cimento pintados de branco (“ruas brancas pintadas de giz”) e entre os blocos colocou-se gravilha ou seixos, evitando assim o lamaçal quando chovia.

Uma vez mais foram os militares que carregaram tijolos e gravilha em baldes para esta construção, daí a alusão “só pó e brita”

(...) “nesta parada do Rita” que era o Sargento mais antigo da Unidade, o Sargento-Chefe Rita Mendes, responsável pelas obras no aquartelamento.



Construção dos arruamentos da CTm5

PEDRA

Refrão

VAMOS CARREGAR BEM ESTA BRITA
O QUE É PRECISO É PEDRA ACREDITA
VAMOS CARREGAR BEM ESTA BRITA
MAS QUE VIDA MALDITA
NESTA PARADA DESDITA
MAS QUE VIDA MALDITA
NESTA PARADA DO RITA

Gravilha e seixo aos montes.
O suor cai-nos das fontes.
Avançam blocos p’ra rotunda
Só pó e brita, isto é desbunda.

Depois de tanto arranhar
P’ra Luanda queremos zarpar.
O fruto é para aguardar
E a esperança é p’ra ficar.

Ruas brancas cor de giz
E a parabólica xis.
O campo quase pronto,
mais parece um conto.

Letra: Da Malta

Música: 1º Sargento José Morgado

Data: Belas, 10 de junho de 1995

- k. Em junho de 1995, depois do jantar, uma Surucucu africana [*Bitis lachesis* (Laurenti)] entrou no aquartelamento da CTm5 pela zona das latrinas de campanha e dirigia-se para a área das tendas.

O Soldado Gentil que estava de guarda nessa área tendo sido avisado pelo seu camarada Moreira



Surucucu morta na CTm5

que ali se deslocou para mictar, disparou contra a referida serpente, deixando-a atordoada, mas não a matou.

Nessa altura o comandante da companhia, Major Tm Joaquim Stone, estava num compromisso no exterior da unidade e o 2º comandante, Capitão Carlos Ribeiro, estava a conversar com o Sargento-Chefe (SCH) António Rita Mendes, junto à sua tenda, e quando ouviram os disparos deslocaram-se apressadamente para o local. Tendo verificado que a

serpente ainda estava viva, o SCH Rita Mendes pegou numa pá das latrinas e cortou-lhe a cabeça. Seguiram-se depois alguns raspanetes.

Quando o Major Stone chegou ao quartelamento foi informado do sucedido, deslocou-se logo ao local admoestando o Gentil, o Graduado de Serviço e o Comandante da Guarda, mas depois de ver o espécime moderou o ralhete (“Quando o Comandante chegou a estrilhar, logo viu a “bicha” e entendeu concordar”).

SURUCUCU

Refrão

CUIDADO, HÁ POR AÍ SURUCUCU!

CUIDADO NÃO VÁ ELA MORDER-TE NO TU!

Lá no sítio onde o outro foi mictar,
onde eu também vou defecar:

Cuidado!

Não sei se foi do tiro ou da pá,
só sei que ela não voltará:

Cuidado!

Quando o Comandante chegou a estrilhar,
logo viu a “bicha” e entendeu concordar!

Cuidado!

Deus queira que alguém esteja p’ra apontar,
Seja o Moreira ou o Gentil p’ra cobra matar:

Cuidado!

Logo chegou o chefe a gritar:

“mas que gaita é esta porque foste disparar!”

Cuidado!

Letra: *Homyneck & Cª*

Música: 1º Sargento José Morgado

Data: Belas, 13 de junho de 1995

- I. Nos primeiros dias de julho chegam as primeiras cartas de Portugal para os militares da CTm5 que inspiraram o 1º Sargento Morgado a compor esta canção – “Chegam Novas”, contudo, nem todos os militares tiveram a sorte de receber a tão almejada carta da esposa, da namorada ou dos pais.

Esta poema transmite a ansiedade do militar sem saber se vai ou não receber notícias da sua amada, um misto de sentimentos que o assolam onde se inclui o nervosismo, o aumento do ritmo cardíaco, alegria e tristeza, mas acima de tudo há uma réstia de esperança que o fazem acreditar que vai receber boas novas.

CHEGAM NOVAS

Refrão

CHEGAM NOVAS DA “METRÓPOLE”

TENHO MEDO QUE NÃO SEJA A MINHA HORA

DE VER O TEU NOME ESCRITO NUM ENVELOPE

SE CALHAR EU VOU-ME EMBORA

Mas a ânsia de te ler
É mais forte que este amor.
Empurrou-me para ver
Sem me importar com a dor.

Alegria ou tristeza,
Oscilam incertas na balança.
O que custa é a incerteza,
mas há uma réstia de esperança.

Pequeno coração a bater,
olhos nervosos a procurar.
Suores frios a escorrer,
na esperança de te encontrar.

Letra e Música: 1º Sargento José Morgado

Data: Belas, 19 de junho de 1995

- m. A construção do aquartelamento da CTm5 iniciou-se no dia 30 de maio de 1995, tendo esta tarefa sido realizada em “contra-relógio”, em virtude da proximidade do dia 10 de junho – Dia de Portugal e das Comunidades de Língua Oficial Portuguesa – que o comando da CTm5 pretendia comemorar através da realização de uma Cerimónia Militar.



Área destinada à instalação da CTm5 (antes de ser terraplanada)



Fotografia aérea da CTm5

No dia 10 de junho foi inaugurado o aquartelamento da CTm5, organizado ao estilo CANIFA¹, com áreas especificamente definidas para os vários setores da unidade, nomeadamente: porta de armas e área de estacionamento de viaturas; parada da unidade; área de apoio de serviços (cozinha, contentores frigoríficos, refeitório-geral, bar, enfermaria, barbearia, lavandaria e sanitários); área de alojamento dos militares (Tendas 16P); área de comando, estado-maior (pessoal, informações e operações, logística) e centro de comunicações; área de manutenção, grupos geradores de eletricidade e arrecadações (de viaturas, de material de transmissões e elétrico).

Em dez dias, 31 de maio a 9 de junho de 1995, “Este Lugar”, na área de Belas, uma zona inóspita de capim foi transformada num oásis, fruto da elevada dedicação e empenho dos militares da CTm5, por isso, durante a sua primeira vista, o Comandante da Força da UNAVEM III, Major-General *Chris Garuba* afirmou na ocasião o seguinte: “Há alguns dias atrás este local era matagal. Foi agora transformado numa «cidade»”. Mais tarde, durante a vista do Ministro dos Negócios Estrangeiros à CTm5, Dr. Durão Barroso, em 4 de julho de 1995, o Representante Especial do Secretário-Geral das Nações Unidas, o saudoso *Maître Alioune Beye*, apelidou a Companhia de “La Perle d'UNAVEM” (“A Pérola da UNAVEM”). Estes dois exemplos são bem demonstrativos do “milagre realizado em Belas” – a construção do aquartelamento da CTm5.



CTm5 vista da sua Porta de Armas, 10 de junho de 1995

¹ Os quartéis CANIFA apresentam uma disposição semelhante, quer em termos de disposição e orientação dos edifícios, quer em termos da arquitetura dos próprios edifícios. Este modelo de quartel CANIFA foi projetado e construído nas décadas de 50 e 60 do século passado (Séc. XX) para alojar unidade territorial, tipo regimento ou equivalente.

ESTE LUGAR

Refrão

*O QUE SE PASSA AQUI NESTE LUGAR
SERÁ QUE A TERRA MUDOU SEM AVISAR
SERÁ QUE DÁ P'RA ACREDITAR
SE AINDA HÁ POUCO SÓ HAVIA LUAR
O QUE SE PASSA AQUI NESTE LUGAR
SE AINDA HÁ POUCO SÓ HAVIA LUAR
SERÁ QUE A TERRA MUDOU SEM AVISAR
SERÁ QUE DÁ MESMO P'RA ACREDITAR*

Em dez dias tudo mudou,	Não há minuto a perder,
foram mil esforços num corpo só.	Tudo se pode quando se quer.
Nem noite nem dia, só pó,	É como o amor de uma mulher.
amassando vontades sem dó.	É tudo o que um homem quiser.

Letra e Música: 1º Sargento José Morgado

Data: Belas, 20 de junho de 1995

- n. “Bidoing” é uma canção com a assinatura “Da Malta” arrojada e escrita em calão, apenas cantada para os militares da CTm5 e sem visitas, porque a linguagem era um bocadinho obscena. Havia outra canção, nos mesmos moldes - “A Abelha Maia”, também cantada a meio dos repertórios, mas que não consta deste Cancioneiro.

BIDOING

Refrão

*BADUM BADUM BADUM
BIDOING BIDOING BADERA
BADUM BADUM BADUM
BIDOING BIDOING BADERA*

Fui ao tu a uma galinha	Ao puxar o autoclismo
Mas não foi por ter tensão	O cagalhão estremeceu
Foi pelo prazer que tinha	Olhou para mim com cinismo
De pôr o galo cabrão.	Disse-me adeus e desceu.
Os peidos são como as pombas	O Caracol é uma ave
Quando poisam nos beirais.	Que desliza no orvalho
As pombas regressam sempre,	Dá curvas a cento e vinte
Os peidos não voltam mais.	À caracol do caralho.

Letra e Música: Da Malta

Data: desconhecida

- o. “Olhos Abertos” é uma canção escrita após um incidente alimentar que causou em muitos militares da CTm5 diarreias que os obrigavam a visitar com bastante rapidez e frequência as latrinas.

Os militares que anteriormente haviam integrado o BTm4 na ONUMoz, em Moçambique, tinham tido um caso semelhante, daí esta alusão.

Os olhos aqui referidos não são para ver, como se pode depreender, e depois de tanta diarreia o autor confidencia que tem saudades de fazer normal. Felizmente em pouco tempo tudo voltou ao normal!

Olhos Abertos

Houve história igual lá p'ra Moçambique:
correr p'ra o WC foi um grande despique!
Também aqui em Belas
É que foram elas.
Mezinhas e receitas,
P'ra acabar com as maleitas.

Diz-se à boca cheia, não levem a mal:
“que saudade que eu já tenho de fazer normal!”
Nós já estamos fartos
de estar D'Olhos Abertos!
E o buraco está cheio,
Não sei se acerto no meio!

Letra e Música: 1º Sargento José Morgado

Data: Belas, 28 de junho de 1995

- p. “Quero-te” é uma canção de amor e desejo escrita numa noite de fim de Outono (no hemisfério Sul o Outono vai desde o equinócio de 20 de março até ao solstício de 21 de junho, são por isso opostas às do hemisfério Norte, onde Portugal se localiza), cerca de dois e meses depois do autor ter saído de Portugal (embarcou no DRAGAZANI em 13 de maio de 1995) quando as saudades começaram a falar mais alto.

QUERO-TE

Refrão

*QUERO OUVIR-TE AMOR
QUERO TOCAR-TE AMOR
QUERO SENTIR O TEU CHEIRO
QUERO SER O TEU FEITICEIRO.*

Mil palavras não bastam
para te dizer o que quero.
Mil silêncios não matam
este corpo em desespero.
Quero-te tanto...

Quando te tocar de novo
num amanhã de incerteza,
dir-te-ei a meu modo:
és a minha princesa!
Quero-te tanto...

Letra e Música: 1º Sargento José Morgado

Data: Belas, 06 de julho de 1995

3. Cancioneiro do BTm4 – ONUMOS, em Moçambique

- a. Esta “Saudade” foi a 1ª Canção do Cancioneiro de Moçambique, tendo sido composta a bordo do navio *MANNOLIS LIMASSOL* que levava o material do BTm4, quando rumava em direção a Moçambique, numa esplêndida noite de luar e já no hemisfério Sul.

É uma canção melancólica de alguém que ama devotadamente a sua pátria – Portugal, mas que agora vai ajudar a construir a paz num país nosso irmão - Moçambique. Na sua génese, esta “Saudade” caracteriza a alma lusa, ainda agora partiu, mas já está cheio de saudades do seu retângulo natal.



Estandarte do BTm4

SAUDADE

Lua, Lua,
és tão bela deste lado
tua luz, luz tão brilhante
Neste mar prateado.
Mas não me fazes sentir mais feliz.
Não te podes rir assim de mim,
Porque estou só,
Sabes eu sou do outro lado!

*É NO NORTE QUE O MEU CORAÇÃO BATE!
NESSE PEQUENO RETÂNGULO NA OUTRA PARTE
É UM PEQUENO JARDIM À BEIRA MAR
ESSE PEQUENO RETÂNGULO DA OUTRA PARTE!*

Mar, oh Mar sagrado,
Porque ruges assim para mim
Tuas ondas, orladas de espuma,
Morrem num renascer sem fim.
Corta-me a pele o vento salgado.
Saltam-me lágrimas preches de Saudade,
Porque estou só,
Sabes eu sou do outro lado!

Letra e Música: 1º Sargento José Morgado
Data: abril de 1993

- b. Esta canção foi composta em Moçambique, por ocasião da 1ª Rotação do pessoal do BTm4 que ocorreu em novembro de 1993.

Os seis meses passaram rapidamente e muitas coisas se fizeram no BTm4, à custa dos militares da unidade, que transformaram uma área inóspita (“deserto”) num lar para todos. No entanto, chegou a hora da rotação dos militares que o solicitaram; uns vão embora certamente com saudade e algumas lágrimas à mistura.

A canção deixa também um aviso aos militares que vieram de novo exortando-os a honrar os que transformaram o “Deserto” no atual “Oásis” (1993).

SEIS MESES

Refrão

*SEIS MESES SE PASSARAM
E PARECE QUE NÃO FOI NADA.
MUITAS COISAS ACONTECERAM
A ESTA TROPA DANADA!
ALGUNS VÃO EMBORA,
TALVEZ COM SAUDADE.
UM HOMEM TAMBÉM CHORA
É A MAIS PURA REALIDADE.*

No princípio era um deserto
que os nossos *olhos espantou*.
E mudar isto decerto,
ninguém acreditou!
Mas pouco a pouco,
um milagre aconteceu:
com meia dúzia de loucos
um jardim aqui nasceu!

Agora olhem p'ra isto!
Não notam, nada rapazes?
Aquele semblante triste
já lá vai e somos ases!
P'rá aqueles que vierem:
Cuidado não se distraiam!
É preciso não esquecerem
os que isto começaram.

Letra: 1º Sargento José Morgado e Major Joaquim Stone

Música: 1º Sargento José Morgado

Data: novembro de 1993

- c. Esta canção foi composta em Moçambique, por ocasião da despedida do 1º *Force Commander* da ONUMOZ, o General Hélio Silva (Brasil).

É também uma canção triste porque retrata a saudade da partida de um amigo, no entanto, a amizade permanece.

PARTIDA

Uns partem outros ficam.
Não é fácil dizer adeus.
Mas fica a Saudade,
Mas fica a Amizade.

Vou-me embora,
aí vou-me embora!
E o que levas amigo
na viagem, no regresso?
E o que sentes amigo,
no teu peito tão opresso?

Eu sinto a Saudade,
eu levo a Amizade!
Vou-me embora,
aí vou-me embora...

Letra e Música: 1º Sargento José Morgado

Data: junho de 1994

4. Conclusão

O Cancioneiro da CTm5 foi um importante instrumento para o moral e bem-estar dos militares desta unidade, sendo os “Tambores”, a canção mais icónica, adotada como o Hino da Companhia, cantado e tocado em festas e convívios, entrando rapidamente nos ouvidos de todos. Serviu também para contar



1º Sargento Morgado cantando durante a visita do Diretor-Geral de Política de Defesa Nacional à CTm5, General Gonçalves Ribeiro

a histórias e peripécias que foram acontecendo com os militares da unidade, especialmente nos primeiros tempos em Angola.

O 1º Sargento Morgado, promovido em 1996 a Sargento-ajudante, foi o autor principal deste Cancioneiro; sendo um militar dos quadros do Serviço de Material, já tinha participado na ONUMOZ em Moçambique, e na CTm5 desempenhava funções na Secção Logística da unidade, mas acima de tudo era um artista. Foi exatamente por isso que foi escolhido para integrar a UNAVEM III pelo primeiro Comandante da CTm5, o então Major Joaquim

Stone, tendo esta escolha sido uma boa aposta.

Infelizmente o José Morgado já não está entre nós, mas onde quer que ele esteja espero que continue a alegrar quem o rodeia.

PRESENTE!

